



Pensado para a ação educativa da exposição "Queermuseu - Cartografias da diferença na arte brasileira", este material investe sua atenção para um questionamento sobre pensar modos de coexistir, indagando os diversos meios de se pôr no mundo, inclusive entre crianças e adolescentes, mas não apenas para eles. Cremos num pensamento de sociedade onde se entende os diversos modos de ser e de expressar-se como válidos, mas sobretudo no reconhecimento das singularidades e coletividades, daquilo que partilhamos e nos é comum.

Manifestamente preferimos compreender a diferença como uma possibilidade de encontro, em que cada corpo tem autonomia e liberdade para enunciar a sua experiência, elaborá-la e, caso queira, compartilhá-la.

LEO NÃO POJE MUDAR O MUNDO PORQUE OS DEUSES NÃO ADMITEM QUALQUER COMPETIÇÃO COM ELES.

O DESERTO

O OCEANO

OS RAMSES

AS POESIAS.

IMAGEM DA CAPA

**LEONILSON**  
**Leo não pode mudar o mundo, 1991**

### **Nota sobre os usos da linguagem: o ininteligível**

Uma compreensão bastante generosa da ideia de ininteligibilidade está presente na pesquisa e na escritura da autora Amara Moira, cuja pesquisa no campo literário aborda a ininteligibilidade em James Joyce e na sua literatura, por meio do uso do pajubá. Termos vindos da língua iorubá são usados largamente na linguagem oral e escrita de travestis, transexuais, demarcando um campo de resistência a partir da potência local e marginal. Neste material preferimos não nos privar do livre uso da linguagem, a partir de uma característica de sua plasticidade: a resistência.

Em resposta à ideia de disciplinas ou mesmo de uma pretensa transdisciplinaridade, preferimos tomar por empréstimo o conceito de indisciplina, tal qual usado pelo Coletivo Universitário de Dissidências Sexuais da Universidade de Santiago, no Chile. Fundado em 2002, o Colectivo Universitario de Disidencias Sexual (CUDS), que Felipe integra, é um dos coletivos transfeministas tidos como mais ativos, experimentais e provocadores do contexto latinoamericano.

*Indisciplina pressupõe em primeiro lugar uma impossibilidade de por ordem entre os membros de um grupo, ou seja, diz respeito a uma prática coletiva. Em segundo lugar, é a falta de obediência a uma disciplina. Tem um caráter de insurreição. [...] Uma educação de base não sexista, mas sexy, utilizaria estratégias lúdicas e desdramatizadas para confrontar as associações comuns e os lugares habituais que nos impõe em matéria sexual. entenderia-se o sexual não como um objeto de contenção e resguardo e sim como uma campo criativo de potência radical de gozo e prazer de experimentação e erro.*

**Felipe Rivas San Martin**

*Una educación sexy. Disidencia sexual  
y espacios estudiantiles*

Entrevista por Miguel A. Lopez

Este material não objetiva cumprir o papel de explicar, traduzir ou conformar em categoriais estanques as diversas orientações e noções de identidades sexuais, como num dicionário ou glossário. Preferimos a própria ideia de trabalhar a partir de cartografias, conceito presente no subtítulo da mostra “Queermuseu – “Cartografias da diferença na arte brasileira.”

Para nós, um projeto de exposição é um ponto de partida para discussões, em vez de uma narrativa fechada composta de objetos. Se a teoria cuir interpela a própria noção de hegemonia, centro, certeza, constância, coerência, correção – atinge radicalmente nossa noção de conhecimento. Nosso compromisso investe-se em desnaturalizar as narrativas cisheteronormativas e/ou patriarcais, repensando qualquer escola, inclusive a Escola de Artes Visuais do Parque Lage, como projeto que aliam-se às preocupações dos movimentos sociais transfeministas, com atenção para a interseccionalidade como única via possível.

Como um exercício que sirva também de autoquestionamento para as diversas instituições que cumprem papéis pedagógicos, este texto deve ser lido como um plano de ação compartilhado que surge desde este Núcleo de Ação Educativa com o objetivos de ser partilhado e disseminado com professores, educadores, ONGs e as diversas iniciativas auto-organizadas do movimento social, expandindo de maneira insubordinada as próprias expectativas sobre os contornos de um projeto educativo para exposições. Não objetivamos pouco, a tolerância não é suficiente. Não à toa, sob a sobrecapa que envolve este material, escolhemos reproduzir dois trabalhos que estão presentes na mostra, cartografando possibilidades e limites – mas sobretudo inscrevendo com nossos corpos um território de ação em que lemos: “Poderá Viver Para Sempre no Paraíso na Terra” e “Leo não pode mudar o mundo porque os deuses não admitem qualquer competição com eles”.

*“Os trabalhos são todos ambíguos.  
Eles não entregam uma verdade diretamente,  
mas mostram uma visão aberta.”*

LEONILSON

**NÚCLEO DE AÇÃO EDUCATIVA**

**Queermuseu  
Queerescola  
Escola Cuir**

Muito embora tenhamos pensado o material da ação educativa como um desdobramento do projeto Queermuseu, sabemos de antemão que ele não é fundamental para absorver a mostra. Obras de arte não requerem explicação; quiçá, em casos pontuais, certa informação sobre o contexto pode alimentar o desejo. Esta informação pode ser fornecida sem alimentar a atitude pela qual uma obra deve ser “lida”, mesmo antes de ser apreciada em nível sensorial. Trata-se de uma via da experiência que acessa um conhecimento prévio de corpo, uma sensação, arrepios, um embate, uma fricção, uma expectativas ou uma ideia. Um trauma, uma dor, uma experiência de prazer intenso, um sabor. Conhecimentos de ordens ainda não enunciados, saberes ainda não identificados e epistemologias ainda não rastreadas. Quiçá um estouro ou uma implosão. A arte como ferramenta para romper divisões e definições explora territórios outros, que operam em campos mais complexos do que aquilo que temos certeza ou pelos valores que estamos operando. Aquilo que não está estabelecido é **o material pulsante da vida cotidiana, do livre exercícios dos desejos, dos corpos e dos prazeres.**

O material educativo que você encontra aqui não deve ser entendido como um guia preparatório, que explique a mostra ou muito menos domestique as questões em torno do universo LGBTI+. Composto de discussões em torno da diferença, da pluralidade e das diversas orientações sexuais e identidades

de gênero, este material opta por uma investida nas possibilidades de contornarmos os padrões heterocisnormativos, totalizantes e calcados em certezas. Preferimos mostrar um roteiro de como imaginamos, coletivamente, a partir de uma pluralidade de vozes, repensar nossas dinâmicas de trabalho questionando hegemonias e processos de domesticação e disciplina. Renegar a existência de um padrão normal de existir e operar é questionar a hegemonia e investir num processo de **imaginação coletiva.**

Os trabalhos artísticos – objetos, projetos e investigações – não são compreendidos como elementos definitivos ou estanques, mas como possibilidades abertas para que possamos adensar nossas discussões em torno da teoria cuir e de uma possível crítica à mesma. Busca-se neste processo crítico levantar questões sobre o entendimento da arte, sobre sua produção, apresentação e valoração, sobre sua materialidade ou imaterialidade ou mesmo sobre a função e as intenções do artista.

Os artistas selecionados para figurar no material educativo não têm o intuito de dar conta da totalidade deste projeto. Como partido curatorial da ação educativa, preferimos não ilustrar a mostra, mas justamente compreender que cada trabalho de arte pode ser compreendido como dispositivos, possibilidades abertas, para uma livre fruição, que acesse vivências, repertórios, narrativas pessoais, outras ordens de conhecimento.

# PENSAR-FAZER

## SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS - UM MAPA

Reúne-se aqui um conjunto de questões e problemas independentes a ser desenvolvidos por meio de discussões coletivas e atividades em sala de aula e, principalmente, **fora** dela. No entanto, entendemos a dimensão pedagógica como algo que **extrapola os limites conhecidos** e normativos da sala de aula. O que, como, quando, onde e por quais razões os processos de aprendizagem extrapolam as salas de aula e atingem a vida cotidiana? Nesse sentido, importa pensar nas dimensões formadoras e deformadoras cotidianas, em instâncias plurais: nos veículos de comunicação, nos hospitais, nas escolas, nos transportes públicos ou quaisquer outras instâncias de reunião e encontro, onde o acolhimento das diferenças é a única via de relação possível, mesmo quando lidamos com o contorno de corpos ainda não imaginados.

## A CARTÓGRAFA

Atentaremos para o subtítulo da exposição de Gaudêncio Fidelis: “Queermuseu – Cartografias da diferença na arte brasileira”. Com excelência, a psicanalista e crítica de arte Suely Rolnik perguntou-se sobre quais seriam as tarefas do cartógrafo atenta às *estratégias das formações do desejo no campo social*:

*O que importa é que ele esteja atento às **estratégias do desejo** em qualquer fenômeno da existência humana que se propõe perscrutar: desde os movimentos sociais, formalizados ou não, as mutações da sensibilidade coletiva, a violência, a delinquência...até os fantasmas, inconscientes e os quadros clínicos de indivíduos, grupos e massas, institucionalizados ou não. Do mesmo modo, pouco importam as referências teóricas do cartógrafo. [...] Para isso, o cartógrafo absorve matérias de qualquer procedência. Não tem o menor racismo de frequência, linguagem ou estilo. Tudo o que der língua para os movimentos do desejo, tudo o que servir para cunhar matéria de expressão e criar sentido, para ele é bem-vindo. Todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas. Por isso o cartógrafo serve-se de fontes as mais variadas, incluindo fontes não só escritas e nem só teóricas. Seus operadores conceituais podem surgir tanto de um filme quanto de uma conversa ou de um tratado de filosofia. O cartógrafo é um verdadeiro antropófago<sup>2</sup>.*

Além da história da arte, compreendida aqui como um campo estrito de conhecimento, importa pensar uma narrativa ampliada, que também se alicerça no campo da cultura visual, da iconografia, da cultura pop, que chegam inclusive ao entretenimento. Para além de um valor moral das imagens, objetos, pesquisas e projetos de arte, importa pensar como os mesmos nos afetam e pulverizam uma dimensão ampliada, que dê conta de contorno ainda desconhecidos ou ainda não imaginados.

Desejamos contaminar discursos normativos a fim de ampliar o nosso campo de ação para alargar as possibilidade para além daquilo que conhecemos, para o desconhecido, o estranho, o informe, aquilo que ainda não é sabido ou acreditado. Preferimos compreender a arte para além de sua dimensão objetual, como experiência ou vivência plural: nos campos estético, sensorial, intelectual e afetivo.

Entendemos no entanto, que além de uma investigação conceitual, sensorial e simbólica, renovam-se os compromissos do campo artístico a partir de leituras decoloniais – a passagem do queer ao cuir é uma sugestão disso. Compreender quais são as possibilidades de agenciar debates em torno da diversidade no Brasil hoje, mas também engajados com a especificidade local, partindo das recentes questões que demarcaram a hostilidade presente na cidade do Rio de Janeiro. A preocupação e o cuidado com nossos corpos e nossas vulnerabilidades, aparece aqui enquanto questão urgente. A morte de uma de nós não pode passar em branco e não pode em nenhuma circunstância ser naturalizada<sup>3</sup>.

<sup>2</sup> A antropofagia é uma das diversas correntes teóricas citadas pelo curador Gaudência Fidelis.

<sup>3</sup> Nenhum texto ou nota de rodapé dariam conta da ausência da Matheusa Passareli, artista visual, aluna da UERJ e EAV Parque Lage. No lugar de apenas citá-la, em sua memória, preferimos adensar a bibliografia de pesquisa em torno da mostra nas jornadas de formação de nosso Núcleo de Ação Educativa com o manifesto “O Rio de Janeiro continua lindo e opressor”. Tal movimento é baseado na investigação poética como disparador de processos de aprendizagem mútua, inclusive da instituição.

## HOSPITALIDADE RADICAL: ACOLHIDA

Tomamos por empréstimo um conceito utilizado por outras instituições de maneira livre. A ideia de **hospitalidade radical**<sup>4</sup> interessa pela sua dimensão de acolhida. Compreendido como um projeto de microativismo travestido de Núcleo de Ação Educativa, preferimos exercitar a performatividade de uma comunidade recém arranjada. Selamos um acordo com a Casa Nem, juntamente com seu programa pedagógico, o PreparaNem, de capacitação profissional e formação escolar para travestis e transexuais. De lá e dessas redes vieram alguns dos integrantes que formam este núcleo, numa ideia de geração de economia, capacitação profissional e, principalmente, de representatividade e presença, a partir de nossos corpos e narrativas. Nossa participação como integrantes da Ação Educativa da mostra, é em si uma tomada de partido e **afirmação de presença** e potência de corpos, lugares e saberes dito minorizados, subalternos ou alijados de seu direito de existir.

Para além da preparação para o Enem e outros vestibulares, o PreparaNem oferece auxílio para concursos e busca por vagas de emprego, além de ter se tornado um espaço de encontro e apoio. Os professores e as professoras são voluntários e todas as decisões são tomadas de forma coletiva. Hoje o projeto configura-se também como um curso de idiomas e noções de

informática para as TTT's (Travestis, Transexuais e Transgêneros).

Cada dia da semana o curso está em um lugar diferente, de acordo com a disponibilidade das organizações que apoiam.

Importa aventar novas possibilidades de escolas, sensíveis a contextos diversos e plurais. Para além de adensar a importância de afirmarmos a importância que a inclusão LGBTI+ tem na geração de narrativas e debates no meio cultural e fora dele, tal projeto apresenta-se como um espaço de acolhida radical, aventando possibilidades outras para escolas, instituições de ensino e processos de capacitação. Sem lugares fixos, disciplinas estanques e com um currículo em constante transformação, novos saberes e espaços de aprendizagem são instituídos, a partir das diversas capacidades que estes voluntários apresentam, da yoga à informática, passando por todas as disciplinas do Exame Nacional do Ensino Médio.

<sup>4</sup> Hospitalidade radical (radical hospitality) é um conceito encontrado no material do programa Performing the Institution vol.2 da Kunsthalle Lissabon. A abordagem curatorial é representada por um esquema que posiciona a ideia de 'radical hospitality' no centro da dinâmica institucional. No material da mostra Greater than the Sum (Lisboa, 2017), tal dinâmica é resumida de modo bastante oportuno em três vetores: sociabilidade, solidariedade e generosidade.

## LEO PODE MUDAR O MUNDO

Em 1991, o artista José Leonilson produziu um trabalho bordado com poucas linhas, composto de um grande vazio em cujas beiradas superior e inferior lê-se duas inscrições. Em uma delas, na parte superior, da esquerda para a direita, desponta uma constatação: “Leo não pode mudar o mundo porque os deuses não admitem qualquer competição com eles”. Na parte inferior do trabalho, à esquerda, lê-se as palavras “o deserto” e “o oceano” no singular, como num apontamento da vastidão. Na base inferior, à direita, “os rapazes” e “a poesia”. Soltos, sem vírgulas e apenas com ponto final logo após o último termo, numa sugestão de uma pluralidade de narrativas.

Leonilson transpõe para o bordado um sentimento de impotência, reconhecendo sua limitação diante de forças que não pode controlar. Seu trabalho afirma-se, no entanto, como forma de ação possível. Neste sentido ao pensar um educativo a partir de uma exposição que se propõe a demarcar uma cartografia da diferença na arte brasileira, pensamos sobre a territorialidade que essa cartografia aborda. Importa pensar o queer enquanto conceito estrangeiro, e por isso também canibalizado cuir, mas principalmente como reconhecimento de nossas performatividades, políticas e sexualidades em vez de uma identidade. Se trata bem mais de lidar com aquilo que habita em nossa zona de ação, por onde podemos agir. Leo não pode mudar o mundo e nem nós podemos, mas isso não significa que podemos agir, provocar fissuras.

## ESCOLA CUIR

Em museus e espaços expositivos, projetos educativos instituem pequenas escolas, como instituições dentro das próprias instituições. Não é raro que estes sejam lugares compreendidos como instâncias de produção crítica, criação de narrativas, espaços de acolhimento. Dentro de uma escola, qual o papel de um núcleo de ação educativa? A partir dessas perguntas, o núcleo de Ação Educativa da mostra Queermuseu - Cartografias da diferença na arte brasileira elege elencar, a partir de processos colaborativos com os indivíduos que formam este corpo de trabalho - **um corpo essencialmente coletivo** - quais são as demandas e urgências para abordar o universo de assuntos os quais esta cartografia atinge. Como receber bem as pessoas? Como compartilhar as intenções do trabalho com todos os envolvidos na mostra? Como criar espaço para experiências significativas?

Projetos expositivos, para este núcleo educativo, não se apresentam como produtos finais, senão como ponto de partida de **exercícios de criação coletiva** destinados a ativar novas formas de conhecimento e relação. O artista, como um professor, aprende a comunicar-se e a interagir com públicos heterogêneos. Públicos que têm um papel fundamental, pois eles mesmos que livremente decidem desde onde e como querem implicar-se e aproveitar o processo criativo<sup>5</sup>.

*Quanto pode a arte?  
Quanto pode uma exposição?  
Quanto pode a escola?  
E quanto podem as  
ações educativas em torno  
de uma mostra?*

<sup>5</sup> Depoimento do artista Nicolás Paris para a Rádio Web MACBA - Museu d'Art Contemporani de Barcelona [MACBA]. O artista foi transferido para o município de La Macarena, ao sul da Colômbia, para ser professor em uma escola rural, onde desenvolveu métodos pedagógicos experimentais. Paris também trabalhou com um padeiro atraído pela tradição anarquista de recuperação de ofícios manuais. Disponível em <https://rwm.macba.cat/es/sonia/nicolas-paris-main/capsula>

## **BIBLIOTECA MÓVEL PARA CORPOS EM TRÂNSITO**

Assumimos de antemão que nossos corpos são matéria, possuem elasticidade, são flexíveis e exercem uma performatividade. Podem e devem ser experimentados com liberdade. Os corpos em trânsito aqui são todos – socialmente construídos a partir da coletividade, da norma e de suas insurreições. Esta é uma iniciativa de nosso Núcleo de Ação Educativa em conjunto com a Biblioteca – Centro de Documentação e Pesquisa da Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Temos o objetivo de diminuir a histórica defasagem de autoras mulheres e LGBTI+ em nosso acervo. Títulos que toquem questões diagonais à mostra serão adquiridos e discutidos com o público. O arquivo é aqui compreendido como corpo.

Mais que uma publicação, uma biblioteca. Expressa nosso desejo de aprender juntos bem mais do que educar. A participação do grupo do educativo enquanto força coletiva nos coloca em posição de abdicar das certezas e abrir lugar para o dissenso. Pensado para as reuniões do educativo essa proposição visa a estruturação de um pequeno agrupamento de vozes em formas textuais diversas. Pensando uma biblioteca como um lugar onde diferentes vozes se enunciam ao mesmo tempo sem deixar no entanto de terem seu ritmo, nesse sentido todas coexistem em harmonia e são escutadas. Nos interessa a polifonia .

## **AUTOIDENTIFICAÇÃO**

Além dos processos de mediação crítica, conversas, fórum de debates, ciclo de performances, leituras coletivas, projeção de filmes e recepção de convidadas, nosso Núcleo propôs novas placas que serão afixadas junto às já existentes nos banheiros da Escola de Artes Visuais. Segundo Paul B. Preciado, os banheiros públicos, instituições burguesas espalhadas pelas cidades europeias a partir do século 19, foram inicialmente pensados como espaços de gestão do lixo corporal nas cidades e converteram-se, progressivamente, em locais de policiamento de gênero. Estamos pensando coletivamente como as arquiteturas são modos de controle das dinâmicas biopolítica de nossos visitantes, alunos e professores. Antes de entrar nos respectivos banheiros masculinos e femininos, que têm suas arquiteturas protegidas pelo patrimônio histórico, seremos convocados e refletir sobre nossa autoidentificação de gênero como gesto político e cotidiano.

## SABERES E SABORES NÃO EXPERIMENTADOS

Como ousamos falar de um *outro* com tanta liberdade?

Três ideias soltas para pensar arte e educação.

*Esta proposta pertence ao plano da utopia. Claramente houve avanços a partir do momento em que falávamos de centro e periferia, [...], mas isso não significa que o pé de igualdade esteja próximo. Talvez, para além de perguntarmos como evitar as estruturas neocoloniais nas exibições de arte, deveríamos perguntar-nos como evitá-las desde o começo, no nível da produção. Sou testemunha de muitos cenários culturais nos quais se produz apenas respondendo ao pedido pela diferença, o que impede qualquer tipo de progresso e de emancipação intelectual e ideológica.*

### **Victoria Noorthoorn**

*A luta pela descolonização é sempre uma luta pela abolição do ponto de vista do colonizador, e, conseqüentemente, é a luta pelo fim do mundo – a luta pelo fim de um mundo. Fim do mundo como o conhecemos. Como nos foi dado conhecer – mundo devastado pela destruição criativa do capitalismo, ordenado pela supremacia branca, normalizado pela cisgeneridade como ideal regulatório, reproduzido pela heteronormatividade, governado pela ideal machista de silenciamento das mulheres e do feminino, e atualizado pela colonialidade do poder; mundo da razão controladora, da distribuição desigual da violência, do genocídio sistemático das populações racializadas, empobrecidas, indígenas, trans• e tantas outras.*

### **Jota Mombaça**

*Uma verdadeira intermediação deve ser fundamentada, também, num intercâmbio de reflexões e numa estrutura de acompanhamento, sempre a partir do experimental, sempre a partir do laboratório. Para mim, não pode haver arte se ela não estiver sustentada por uma estrutura (institucional, de difusão) que se encarregue de facilitar encontros e de construir ambientes de diálogo em via dupla. Sempre há desequilíbrios, e nós trabalhamos para encontrar diferentes formas de fazer as coisas, que respondam a diferentes níveis de consciência, com respeito a diferentes níveis de balanço.*

### **Nicolás Paris**



**LYGIA CLARK**

**Baba Antropofágica, 1973 - [2012]**

# FAZER-PENSAR

Privilegiamos neste material um pensamento não binário, que integra as palavras fazer e pensar de dois modos:

**pensar-fazer** registra uma série de textos curtos que objetivam pensar a diversidade de orientações sexuais, identidades de gênero, sexos e sexualidades de maneira que fuja às normas e categorias, facilmente apreensíveis;

**fazer-pensar** registra um apanhado de exercícios que propoem exercícios que não dividem-se: parte do programa é uma série de atividades que podem ser experimentadas dentro e fora de sala de aula; a outra parte experimenta uma pauta de debates para serem propostos dentro de sala de aula, mas também fora dela.

Desta maneira queremos contornar as práticas hegemônicas, pensando as teorias queer/cuir como possibilidade de ação efetiva, que interpela o conhecimento.

As atividades foram pensadas pela artista e pesquisadora Agrippina R. Manhattan.

## **Leonilson** ***Leo não pode mudar o mundo, 1991***

Palavras chave:  
Intimidade  
Diário  
Impotência

Leonilson aqui apresenta a máxima de sua impotência do sujeito perante a face de sua própria pequenez. Léo não pode mudar o mundo porque os deuses não admitem qualquer competição com eles. Ao mesmo tempo admissão de derrota e de fragilidade, o trabalho do artista em sua simplicidade coloca em questão o sujeito e os deuses, potência e fraqueza. tudo aquilo que não se pode mudar.

### **PROPOSTA DE DEBATE**

Atos simbólicos podem mudar o mundo ?  
Qual o peso de uma ação? E de uma palavra?

Como é se sentir sozinho?  
O que se pode fazer vs. O que queremos fazer

Como articular o desejo de algo com a impossibilidade de realizá-lo?

**Adriana Varejão**  
***Cenas do Interior II,***  
**1994**

Palavras chave:

Sexo  
Pudor  
Fetiche  
Abuso

Adriana Varejão a partir de sua pesquisa com as gravuras japonesas, em especial aquelas usadas para retratar atos sexuais, cria sua série de cenas do interior. Nestas cenas, a artista retrata cenas de sexo que dialogam com o passado colonial brasileiro e os estupros e abusos sexuais cometidos contra a população escravizada. A artista inclui nessas cenas, atos sexuais considerados como patologias e/ou comportamentos tabu, como por exemplo a prática da zoofilia (ato de fazer sexo com animais)

**PROPOSIÇÃO PARA DEBATE**

De onde vem esse pensamento do desejo como algo incontrolável?

De onde vem o desejo ? Qual sua natureza?  
Podemos controlar o desejo?

Nosso desejo está acima do desejo do outro?

**Lygia Clark**  
***O Eu e o Tu***

Palavras chave:

Relações  
Dentro  
Outro  
Fora

Esta obra de Lygia Clark coloca em questão a própria noção de obra. Seria mais interessante colocá-la como dispositivo capaz de realizar proposições de relações entre dois participantes. No eu e o tu temos uma ideia diferente da tradicional de contemplação, ele só pode ser ativado mediante a participação de duas pessoas, conferindo assim seu caráter efêmero e relacional. Parte da pesquisa sensorial de Lygia Clark, este trabalho proporciona uma imersão dos sentidos concomitante com um vínculo relacional com o outro.

**ATIVIDADE**

Formem pares na sala, e fiquem de mãos dadas com o par. Tentem realizar as atividades que sempre fazem sem desfazer as mãos.  
O que muda ? O quanto vocês aguentaram?

Quais partes do corpo sentem essa ligação?  
Se sente com quais partes além da mão?

**Hudnilson Jr.**

Palavras chave:

Diário  
Íntimo  
Segredo  
Eu

Hudnilson explora por meio de seu trabalho às relações existentes entre o público e o privado. Em seu trabalho o artista constrói por meio de imagem e palavras uma espécie de confessional onde exprime e exaure seus desejos e fetiches. Por conta do caráter íntimo da obra, somos imediatamente compelidos a pensar em um diário, um lugar onde os desejos podem existir sem passar pelo julgamento e pela moralização de duas naturezas. A obra de Hudnilson coloca em foco tudo aquilo que temos vergonha de dizer em voz alta.

**ATIVIDADE**

Formem um círculo na sala juntando ombro com ombro, um por um contém para a pessoa da sua esquerda um segredo ou algo que você tenha vergonha de dizer.

**Lygia Clark**  
***Baba Antropofágica***

Palavras chave:

Terapia  
Coletivo  
Corpo  
Experiência

Essa “obra” de Lygia Clark é de difícil apreensão estética. A própria artista configura a este experimento o caráter de terapia, assim como outras atividades desta mesma época (conhecida como estruturação do self). A artista é um grupo de estudantes promovem a sessão da baba antropofágica, linhas de algodão são embebidas em saliva e desejadas no corpo do paciente/espectador.

**PROPOSTA DE DEBATE**

O que significa fazer algo em coletivo?

Como pensar uma escola onde professor e aluno ocupem a mesma posição?

O que o professor têm em comum com vocês?  
Qual trabalho da exposição ele mais gosta?

**Erika Verzutti,**  
***Tarsila com Novo***

Palavras chave:

Duplo  
Outro  
Contemporâneo  
Tradição

*Tarsila com o novo*, escultura de Erika Verzutti coloca-nos frente a um duplo. Sua dualidade objetual configura o embate entre clássico e novo. Porém, a obra vai além, uma vez que agora o que ocupa o lugar de história (ou de tradição) é a figura do modernismo brasileiro encarnado na figura de Tarsila do Amaral. Quando o novo se transforma em história?

**PROPOSTA DE DEBATE**

Você sabia que a Tarsila do Amaral foi uma das primeiras artistas mulheres a ganhar espaço no Brasil? Quantas artista mulheres vocês conseguem lembrar?

Quais profissões são geralmente associadas a mulheres? Por que acontece?

**Flávio de Carvalho,**  
***experiência número 3***

Palavras chave:

Vestuário  
Público  
Rua  
Comportamento

A experiência de Flávio de Carvalho ao construir para si uma *roupa adequada ao calor tropical* atua como um questionamento sobre os códigos e normatização instituída acerca do corpo e do que o veste. Neste sentido, ao sair nas ruas usando uma vestimenta que simultaneamente destoa das demais e se utiliza de uma linguagem associada ao feminino (como por exemplo a saia ) o artista provoca estranhamento ao público que responde o hostilizando. O artista desmarca o caráter naturalista das convenções sociais e evidencia o modo como a heterocisnormatividade nos é forçada.

**PROPOSTA DE DEBATE**

Você sabia que no começo mulheres que usavam calças jeans eram consideradas como “masculinas”? E que em algumas culturas isso é considerado crime?

O que faz uma roupa ser de menino e outra de menina? E um brinquedo?

Qual a primeira vez que lhe disseram que uma roupa era de menino ou de menina?

Observem entre si as roupas que meninos e meninas estão usando . O que elas têm de igual? E de diferente?

**Rogério Nazari,  
MailArt - Gay-I-Vota  
1981**

Palavras chave:

Direitos

Sexualidade

Identidade

Convivência

O artista a partir de um repertório de cartões, postais e outros elementos do universo do correio ( estratégia que ficou conhecida como arte postal) cria uma série onde inscreve as palavras Gay I vota ao lado de fotografias e imagens de nudez masculina. Haja vista que a obra se insere no contexto da ditadura militar brasileira é importante ressaltar a discriminação sofrida pela população LGBTI+ provinda de ações governamentais. Uma vez que haviam operação “limpeza” destes indivíduos , mas principalmente travestis, a obra de Rogério Nazari se insere como uma ato de resistência frente a violência e uma reivindicação de espaço dos corpos e dos direitos.

**PROPOSTA DE DEBATE**

Você sabia que até os anos 1930, mulheres não podiam votar simplesmente por serem mulheres?

Por que você acha que isto acontecia?

Promova um debate entre a turma sobre o que impede alguém de votar

**Luiz Fernando Borges  
da Fonseca,  
Ney Matogrosso:  
Série do Pantanal  
1982-1983**

Palavras chave:

Ícone pop

Nudez

Naturalismo

Cultura de massa

A série de fotografias de Luiz Fernando Borges retratam o cantor Ney Matogrosso nu em meio a uma floresta. Essas fotografias são interessantes um vez que percebemos nelas uma investigação de Éden, uma lembrança de uma era antes das convenções sociais onde ser humano e floresta coexistiam em um estado “natural”. A figura de Ney Matogrosso, emblemática e controversa enquanto ícone cultural dos anos 80 e símbolo das primeiras tomadas de espaço pelo público LGBTI+ aparece nas imagens justamente evocando essa desnaturalização para com as normas e convenções sociais e um retorno a um estado onde o corpo supostamente era livre.

**PROPOSTA DE DEBATE**

Você sabia que antes dos portugueses chegarem as populações indígenas tinham uma outra concepção sobre gênero ? A diferenciação de indivíduos masculinos e femininos ( por meio do cabelo grande ou curto, pela vestimenta) foi algo inserido por meio da força nessas culturas.

O que há de natural nas roupas ? Quem escolheu quais seriam roupas de meninos e de meninas?

*“Uma escola de arte livre é uma escola onde podemos mudar os nossos nomes e onde o conhecimento se produz a partir de usos do corpo. Uma escola de arte livre tem a urgência de romper com o lugar privilegiado que a subjetividade masculina e patriarcal manteve na construção das narrativas. Nessa escola todas nós falamos usando o pronome feminino. Essa escola funciona basicamente por meio dos movimentos do desejo, porque seu papel principal é redefinir radicalmente os nossos horizontes de ação e compromisso. Uma escola de arte livre é um projeto de uma vida compartilhada, uma política do afeto, da coletivização dos recursos de imaginação coletiva. Essa escola é sempre um projeto feminista, cuja ética nos ajuda a sonhar com histórias diferentes: relações sociais sem hierarquias, corpos sem rótulos, novas coreografias amorosas, modelos alternativos de família, um contrato social mais igualitário de espécies, uma nova economia do cuidado. Uma escola de arte livre é uma rede de colaboração de corpos frágeis”*

Miguel Lopez em resposta à pergunta “O que é uma escola livre?”, no livro de mesmo título, organizado por Lisette Lagnado em 2015.

IMAGEM CONTRACAPA

**HUDINILSON JR**  
**Caderno de Referência 95, c. 2007**

95

**Poderá Viver  
Para Sempre  
no Paraíso  
na Terra**



**GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**  
RIO DE JANEIRO  
STATE GOVERNMENT

**GOVERNADOR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**  
RIO DE JANEIRO STATE GOVERNOR  
Luiz Fernando Pezão

**SECRETÁRIO DE ESTADO DA CULTURA DO RIO DE JANEIRO**  
SECRETARY OF STATE FOR CULTURE OF RIO DE JANEIRO  
Leandro Monteiro

**SUPERINTENDENTE DE ARTES**  
ARTS SUPERINTENDENT  
Patricia Lins e Silva

**ESCOLA DE ARTES VISUAIS DO PARQUE LAGE**  
PARQUE LAGE SCHOOL OF VISUAL ARTS

**DIRETOR PRESIDENTE**  
PRESIDENT DIRECTOR  
Fabio Szwarcwald

**CURADOR**  
CURATOR  
Ulisses Carrilho

**COMISSÃO DE ENSINO**  
LEARNING COMMISSION  
Fernando Cocchiarale  
Guilherme Gutman  
Luisa Duarte  
Marcos Bonisson

**GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO**  
ADMINISTRATIVE AND FINANCIAL MANAGER  
Celina Martins

**GERENTE DE PATRIMÔNIO**  
PATRIMONIAL MANAGEMENT  
Marco Silva

**GERENTE DE PRODUÇÃO DE EVENTOS EXTERNOS**  
EVENTS MANAGEMENT AND PRODUCTION  
Erika Medeiros

**GERENTE DE EVENTOS**  
EVENTS MANAGEMENT  
Naldo Turl

**COORDENADORA DE PESQUISA DA BIBLIOTECA**  
LIBRARY RESEARCH COORDINATOR  
Ana Luíza Fonseca

**COORDENADORA DE PRODUÇÃO**  
PRODUCTION COORDINATOR  
Andreia Alves

**COORDENADOR OPERACIONAL**  
OPERATIONS COORDINATOR  
Fabio Augusto Lopes

**COORDENADORA DE PROGRAMAÇÃO VISUAL**  
VISUAL DESIGN COORDINATOR  
Amanda Lianza

**SUPERVISORA DE ENSINO**  
LEARNING SUPERVISOR  
Keyna Eleison

**SUPERVISORA DE ENSINO DO PARQUINHO LAGE**  
LEARNING SUPERVISOR OF PARQUINHO LAGE  
Luana Vieira Gonçalves

**SUPERVISOR FINANCEIRO CONTÁBIL**  
ACCOUNTING AND FINANCIAL SUPERVISOR  
Hércules da Costa Souza

**ASSESSORIA DE IMPRENSA**  
PRESS OFFICE  
Mônica Villela Assessoria de Imprensa

**COORDENADORA DO PROGRAMA DE AMIGO EAV**  
FRIENDS OF SCHOOL OF VISUAL ARTS COORDINATOR  
Elisangela Valadares

**PRODUTOR**  
PRODUCER  
Renan Lima

**DESIGNER**  
DESIGNER  
Alexandre Andrada

**ASSISTENTE DE ENSINO**  
LEARNING ASSISTANT  
Carmen da Costa Souza

**BIBLIOTECÁRIA**  
LIBRARIAN  
Rubia Luiza da Silva

**BIBLIOTECÁRIA AUXILIAR**  
ASSISTANT LIBRARIAN  
Juliana Machado

**SECRETÁRIAS DE ENSINO**  
LEARNING ASSISTANTS  
Katia Rosendo  
Carolina Azeredo

**ANALISTA DE MÍDIAS SOCIAIS**  
SOCIAL MEDIA ANALYST  
Bárbara Accioly

**ANALISTA DE PLANEJAMENTO FINANCEIRO**  
FINANCIAL AND PLANNING ANALYSTS  
Leiliane Maria Braga da Silva

**ANALISTA FINANCEIRO**  
FINANCIAL ANALYST  
Camila Oliveira

**ANALISTA DE SUPORTE DE TI**  
ANALYST AND IT SUPPORT  
Mateus Ferraz

**SERVIÇOS GERAIS**  
GENERAL SERVICES  
Homerio Gomes

**ASSISTENTES DE SERVIÇOS GERAIS**  
GENERAL SERVICES ASSISTANTS  
Carlos Henrique Soares  
Nilton Madeira  
Paulo Neemias de Araujo  
Ryan Barboza Almeida

**AMEAV – ASSOCIAÇÃO DE AMIGOS DA ESCOLA DE ARTES VISUAIS DO PARQUE LAGE**  
ASSOCIATION OF FRIENDS OF PARQUE LAGE SCHOOL OF VISUAL ARTS

**PRESIDENTE**  
PRESIDENT  
Marcelo Viveiros de Moura

**VICE-PRESIDENTE**  
VICE PRESIDENT  
George Kornis

**CONSELHEIROS**  
BOARD OF ADVISORS  
Alvaro Piquet  
Eugenio Pacelli  
Gustavo Martins  
Nelson Eizirik

**EXPOSIÇÃO QUEERMUSEU**  
QUEERMUSEU EXHIBITION

**CURADORIA**  
CURATOR  
Gaudêncio Fidelis

**PRODUTORA EXECUTIVA**  
EXECUTIVE PRODUCER  
Ana Maria Gonçalves - Rainmaker Projetos e Produções

**ASSISTENTE DE PRODUÇÃO**  
ASSISTANT PRODUCER  
Andreza Santos

**PRODUÇÃO LOCAL**  
LOCAL PRODUCTION  
Gabriela Weeks  
Izabel Campello

**IDENTIDADE VISUAL E PROJETO MUSEOGRÁFICO**  
VISUAL IDENTITY AND EXHIBITION DESIGN  
Jéssica Jank

**DESIGN GRÁFICO**  
GRAPHIC DESIGN  
Diana Gondim  
Jéssica Jank

**PROJETO ESPAÇO EXTERNO**  
OUTDOOR SPACE PROJECT  
Andrea Fiorini Arquitetura

**COORDENAÇÃO OPERACIONAL**  
OPERATIONS COORDINATOR  
Naldo Turl

**EQUIPE DE MONTAGEM**  
EXHIBITION INSTALLATION TEAM  
Adailton Beijo Leão  
Alessandre Batista de Souza  
Thiago de Pádua Almeida  
Renato Cecílio das Dores

**CONCEITO E COMPOSIÇÃO LUMINOSA**  
LIGHTING CONCEPT  
LD Studio+

**ILUMINAÇÃO**  
LIGHTING DESIGN  
Belight

**CENOTÉCNICO**  
LIGHTING TECHNICIAN  
Humberto Silva e Humberto Silva Jr.

**EQUIPAMENTO AUDIOVISUAL**  
AUDIOVISUAL EQUIPMENT  
Iramá Gomes

**LAUDOS TÉCNICOS**  
CONDITION REPORTS  
Caroline Peixoto  
Ana Caniatti  
Mariane Sato  
Valéria Sellanis

**MONITORAMENTO E CONTROLE CLIMÁTICO DA EXPOSIÇÃO**  
TEMPERATURE AND CLIMATE EXHIBITION CONTROL  
MK SISTEMAS - Msc Antonio Oliveira

**EMBALAGEM E TRANSPORTE DE OBRAS DE ARTE**  
PACKING AND TRANSPORTATION OF WORKS OF ART  
Art Quality / Chenue do Brasil

**SEGUROS DE OBRAS DE ARTE**  
INSURANCE OF WORKS OF ART  
Affinité (Chubb Seguros Brasil Ltda)

**REVISÃO DE TEXTO**  
ESSAYS PROOFREADING  
Grace Barra

**TRADUÇÃO DE TEXTO**  
ESSAYS TRANSLATION  
Francesco Settineri

**IMPRESSÃO DE MATERIAIS GRÁFICOS**  
PRINTING OF PUBLICATIONS  
Pancrom Indústria Gráfica (Catálogos| Catalogues)

Impressos Portão  
(Folders|Brochures)

**FÓRUM**  
FORUM

**CURADORIA**  
CURATOR  
Ulisses Carrilho

**ORGANIZAÇÃO**  
ORGANISATION  
Escola de Artes Visuais do Parque Lage  
Parque Lage School Of Visual Arts

Departamento de Ensino e Programas Públicos | Education and Public Programs Department

**PRODUTOR**  
PRODUCER  
Ana Murgel

**EQUIPAMENTO AUDIOVISUAL E ILUMINAÇÃO**  
AUDIOVISUAL EQUIPMENT AND LIGHTING DESIGN  
Boca do Trombone

**AÇÃO EDUCATIVA**  
EDUCATION PROJECT

**CURADORIA**  
CURATOR  
Ulisses Carrilho

**ASSISTENTE DA CURADORIA**  
ASSISTANT CURATOR  
Agrippina R. Manhattan

**EQUIPE**  
TEAM  
Agrippina R. Manhattan  
Andréa Brazil  
Bernardo de Castro  
Bianca Kalutor  
Biancka Fernandes  
Bruna Macedo  
Dani Gues

Eduardo Paiva  
Evelym Gutierrez  
Felipe Henrique  
Grazyella da Silva  
Gustavo Gustavo  
Isabelle Cristina  
Jarderson R.

Juan Jorge  
Juan Paranhos  
Junior Ferreira  
Kai Iani  
Lucas Alberto  
Lucas Salles  
Marcus Lemos  
Matheus Morani  
Naomi Savage  
Pavão

Pedro Bento  
Quaete Clemente  
Ramón Lacerda  
Rodrigo Dames  
Uri Nonnato

**SHOWS**  
EVENTS

**CURADORIA**  
CURATOR  
Julio Barroso

**PRODUÇÃO**  
PRODUCTION  
Andreia Alves



## NOTAS SOBRE A PROGRAMAÇÃO VISUAL

Nesta sobrecapa, escolhemos um detalhe do trabalho de Lygia Clark da série roupa-corpo-roupa que complexifica os limites entre o *eu* e o *tu*, o *sujeito* e o *objeto*, o *individual* e o *coletivo*; O gradiente ilumina o entendimento do gênero a partir de sua fluidez, sem contornos fixos; Na capa interna, a *possibilidade* e a *impossibilidade* são apresentadas nas obras de Leonilson e Hudinilson Jr. As margens largas das páginas objetivam deixar espaço livre para que a leitora possa atuar nas bordas, inscrever-se nelas; Nesta orelha, uma voz coletiva é apresentada a partir dos cartazes criados pelos integrantes de nosso Núcleo de Ação Educativa, com o objetivo de apresentar uma dinâmica que baseia-se em processos, em vez de produtos finais. Ao acabar a publicação com a capa de um livro, instauramos a possibilidade de um novo começo.

## NÚCLEO DE AÇÃO EDUCATIVA

Queermuseu

Queerescola

Escola Cuir

## ORGANIZAÇÃO

Ulisses Carrilho

Agrippina R. Manhattan